

## Regional

## CURIOSIDADE NAS MONTANHAS

# Vida sem luz, internet e celular

Na casa das irmãs Ribeiro, em Afonso Cláudio, não há tomada e nem lâmpada. Únicos aparelhos são um fogão e um radinho de pilha

Leandro Fidelis  
AFONSO CLÁUDIO

A energia elétrica chegou ao Estado em 1896 com a inauguração do Teatro Melpômene, no centro de Vitória, iluminado por lâmpadas incandescentes que eram alimentadas por gerador próprio. Quase 120 anos depois, ainda existem capixabas vivendo como no século XIX.

No Córrego de Santa Efigênia, a 18 quilômetros da sede de Afonso Cláudio, na região serrana, as irmãs Ribeiro ficaram conhecidas por resistirem à modernidade.

A casa onde vivem Etelvina Ribeiro Borges, de 90 anos, e a irmã Ana Maria Ribeiro, de 87, não tem tomadas, lâmpadas nem geladeira e outros eletrodomésticos.

Sem conhecerem e nem usarem internet e telefone celular, elas sobreviveram desse modo para manter a tranquilidade do recanto onde moravam com os pais e mais seis irmãos. Os únicos aparelhos utilizados são um fogão a gás e um radinho de pilha portátil.

“Minha mãe tinha medo de



FOTOS: LEANDRO FIDELIS

**DONA ETELVINA RIBEIRO**, de 90 anos, nunca se casou. Ela anda com apoio de uma bengala

energia elétrica. Ela dizia ser perigosa. Escuro não mata a gente, né?”, diz dona Etelvina, que anda com apoio de uma bengala e ajuda a cuidar da irmã, que é acamada.

Assim como Ana Maria e as irmãs já mortas Francelina e Leopoldina, Etelvina nunca se casou e orgulha-se de viver na casa de estuque construída pelo pai em 1931, bem distante do ritmo da cidade.

Ela nem se lembra da última vez que foi a Afonso Cláudio. Quando precisam de algum medicamento ou outro item de necessidade, as irmãs contam com apoio de vizinhos e sobrinhos.

“Tem tempo que não vou à cidade. Antes, saía a pé de madrugada. De primeiro, tínhamos engenho para fazer rapadura, hoje preciso do açúcar encontrado em super-

mercado”, conta a idosa.

Quem pensa que dona Etelvina se incomoda quando chega a noite se engana. Ela largou a lamparina de lado desde que passou a dormir, religiosamente, todos os dias a partir das 15 horas, acordando sempre por volta das 4h30.

“Quando acordo à noite, uso uma lanterna que ganhei de aniversário, mas é raro”, contou.

## Medo impede chegada de energia elétrica

Ao evitarem a instalação de um padrão de energia para garantir o funcionamento de eletrodomésticos e a iluminação da casa, as irmãs Ribeiro decidiram manter a decisão da mãe, Maria Luiza da Conceição.

As idosas herdaram dela o medo da energia elétrica. Segundo dona Etelvina, a mãe dizia temer curtos-circuitos ou incêndio na casa, que até hoje mantém as características originais.

Na década de 70, o antigo prefeito de Afonso Cláudio teria tentado colocar luz na casa, mas a matriarca dos Ribeiro não aceitou. “Minha mãe não quis, por isso também não quisemos depois que ela morreu”, contou.

Por esse motivo, dona Etelvina e a irmã Ana Maria viraram lenda na região, mas sempre foram respeitadas pela decisão de viver como no passado. “São duas mulheres muito sabidas e amadas”, diz a cabeleireira Marilza Gonçalves.

Dona Etelvina se diz feliz e cercada de cuidados, embora não tenha filhos. Há um ano, ela e a irmã contam com a ajuda da cuidadora Maria da Penha Silva, 49, que ainda não se acostumou com a falta de eletricidade na casa.

## Diversão com notícias de hospital

O único contato das irmãs Ribeiro com o mundo exterior é o programa de rádio local que divulga diariamente o boletim do hospital da cidade, o São Vicente de Paulo.

Elas ouvem o noticiário pelo velho radinho de pilha, amarrado com barbante. Pelo boletim, é possível ficar sabendo quem está internado, quem recebeu alta ou quem morreu. O programa vai ao ar das 6h às 6h30, com reprise às 12h35, e é apresentado por um pastor evangélico que visita os pacientes.

Elas também ouvem a missa de domingo, transmitida do Santuário

de Nossa Senhora Aparecida, em Aparecida do Norte (SP). “Já assisti à missa na televisão na casa da minha irmã, em Vila Velha, mas prefiro ouvir o rádio”, diz dona Etelvina.

Mesmo sem eletricidade, elas já ganharam uma TV. Uma das irmãs que já morreu trocou uma tora de madeira pelo aparelho, que nunca foi usado. “Mesmo que tivesse energia, a televisão não iria funcionar, porque agora está tudo diferente”, diz a aposentada, que nem se lembra onde o aparelho está guardado na casa de oito cômodos.

Sobrinho das irmãs Ribeiro, o

oficial de Justiça Jânio da Silva, 42, vai à casa das tias de duas a três vezes por semana para levar compras ou medicamentos. Ele diz que

**ANA MARIA, o sobrinho Jânio e Etelvina: oficial de Justiça ajuda as tias e tentou instalar energia elétrica na casa, mas elas não aceitaram**



ACERVO PESSOAL

## CURIOSIDADES

**CASA DAS IRMÃS RIBEIRO** é feita de estuque e permanece com a mesma estrutura desde a década de 1930



LEANDRO FIDELIS

### Casa da década de 1930

> A CASA DAS IRMÃS RIBEIRO é feita de estuque, onde a estrutura de madeira era revestida com argamassa feita de cal e areia peneirada, pois o cimento era caro na década de 30.

> A RESIDÊNCIA é a mesma onde moraram com os pais. Todos os herdeiros foram embora e hoje apenas as duas irmãs permanecem na casa.

> DONA ETELVINA e dona Ana Maria, assim como os irmãos, aprenderam a ler e a escrever sozinhas. Antes de terem problemas de visão, elas criavam peças de cama, mesa e banho.

> O SUSTENTO vinha do próprio sítio. Havia uma horta ao redor da casa, em Afonso Cláudio, que garantia o

alimento do dia a dia.

> APESAR de não ter chuveiro elétrico, dona Etelvina não dispensa banhos quentes. “Esquento a água no fogão e tomo banho de balde. Eu só sentia água fria quando tomava banho de chuva na roça”, diverte-se a anciã.

> CACHOEIRO de Itapemirim foi o primeiro local do Estado dotado de energia elétrica. Em 1903, foi inaugurada uma usina geradora.

> ANTES DISSO, a primeira forma de iluminação conhecida e experimentada no Estado foi à base de azeite de peixe. A iluminação particular a gás chegou às casas de moradores de Vitória, em 1878. Só no ano seguinte passou a ser utilizada nas ruas.



LEANDRO FIDELIS

**DONA ETELVINA** é acompanhada pela cuidadora Maria da Penha